



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

***UrbanSus - O Desenvolvimento Portuário
Latino-Americano: Casos dos Portos
Chilenos***



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

O Desenvolvimento Portuário Latino-Americano: Casos dos Portos Chilenos

17 e 18 de novembro de 2020

14:00 - 17:30

Local: Instituto de Estudos Avançados da USP

iea.usp.br/aovivo

O equilíbrio entre a cidade, o setor portuário e as águas é o maior desafio de sustentabilidade enfrentado pelas cidades portuárias em todo o mundo. No período pós-industrial, as novas estruturas econômicas ocasionaram a desintegração e a descontinuidade territorial entre as cidades portuárias e suas orlas marítimas, sobretudo no que tange à integração entre os modais de transporte – aéreo, ferroviário e rodoviário – e o território urbano, gerando graves problemas de funcionalidade. Acrescem-se a este quadro de fragmentação territorial os riscos decorrentes da extrema vulnerabilidade da zona costeira aos impactos da progressiva elevação do nível dos oceanos e do aumento da frequência e intensidade das intempéries climáticas, fenômenos diretamente associados às mudanças globais do clima. O enfrentamento desses graves desafios de sustentabilidade por meio de estratégias eficazes de planejamento e desenvolvimento territorial é primordial para o desenvolvimento econômico regional e nacional, uma vez que as cidades-porto desempenham um papel central na inserção dos países no mercado internacional.

Nesse contexto, desenha-se hoje na América do Sul a perspectiva de implementação de um Corredor Logístico ligando os portos brasileiros no Atlântico aos portos chilenos no Pacífico, o que oferece às cidades portuárias envolvidas no processo a oportunidade ímpar de superar suas históricas descontinuidades territoriais por meio de estratégias de planejamento e gestão urbana inovadoras e sustentáveis. As cidades portuárias chilenas experimentaram, nos últimos anos, significativas transformações territoriais voltadas a reinstaurar a continuidade de suas orlas marítimas, motivadas não só pelos interesses econômicos decorrentes das relações comerciais desenvolvidas via oceano Pacífico, como também pela necessidade de remediar os danos significativos sofridos pela zona costeira em razão do tsunami ocorrido no ano de 2010. A fragilidade da zona costeira chilena frente a eventos extremos, tais como terremotos, tempestades e incêndios, demandou o engajamento das cidades portuárias chilenas no desenvolvimento de estratégias territoriais apropriadas à promoção da resiliência urbana em todos os seus aspectos, de preparação, prevenção, resposta emergencial, remediação e monitoramento.

O intercâmbio de técnicas, conhecimentos e expertise com as cidades portuárias chilenas oferece às cidades brasileiras a oportunidade de promover significativos avanços na preparação para a sua futura inserção no Corredor Logístico Atlântico-Pacífico.

Assim, o Seminário ***“O Desenvolvimento Portuário Latino-Americano: Casos dos Portos Chilenos”***, concebido no âmbito do Projeto “Metrópoles Latinoamericanas: instrumentos sustentáveis para o desenvolvimento territorial frente a intempéries” do Centro de Síntese USP Cidades Globais, teve por



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

objetivo tratar da territorialidade na geração de políticas organizacionais em zonas portuárias chilenas e suas relações com demais cidades portuárias, no intuito de colher subsídios para a reflexão sobre a organização dos portos brasileiros e seus impactos sobre as cidades portuárias.

O evento inseriu-se no **Ciclo de Seminários UrbanSus**, uma série de seminários desenvolvida pelo Centro de Síntese USP Cidades Globais no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo com o propósito de contribuir para maior compreensão e propagação da temática da sustentabilidade entre academia, sociedade e setor público, como estímulo à construção de uma cultura da sustentabilidade aliada à ética socioambiental. Alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, o Ciclo UrbanSus visa refletir sobre o papel das cidades e o estímulo para boas práticas e soluções sustentáveis urbanas, colocando-se como um espaço para maior compreensão e propagação da temática da sustentabilidade urbana na academia, na sociedade e no setor público.

Desse modo, dentro da proposta do Ciclo UrbanSus, o Seminário organizou-se em dois Painéis. O primeiro painel, realizado na tarde do dia 17 de novembro, tratou do “*Processo de Desenvolvimento da Cidade e Porto*”, com exposições sobre os seguintes temas: características das cidades marinhas chilenas, aspectos das zonas portuárias de Valparaíso e San Antonio e o plano de recuperação da borda costeira de Bío-Bío após o Tsunami de 2010. O segundo Painel, na tarde do dia 18 de novembro, tratou dos “*Agentes Atuantes na Estruturação Físico-Geográfico dos Territórios*”, com exposições sobre: o planejamento territorial metropolitano, desafios e conflitos da logística portuária e mobilidade urbana; mesas de diálogos como modelos de agentes territoriais; sistemas e cargas nacionais e políticas públicas; e modelos de relações internacionais e corredores de exportação.

Espera-se que as exposições, realizadas por notáveis pesquisadores e especialistas chilenos, seguidas por debates com os pesquisadores do USP Cidades Globais e perguntas do público em geral, tenham indicado soluções e recomendações para o desenvolvimento de políticas públicas para a gestão portuária brasileira em preparação para a implantação do Corredor Logístico Atlântico-Pacífico.

UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

Comissão Organizadora

Carlos Andrés Hernández Arriagada



Pós Doutorado (2019) em andamento pelo IEA-USP no Programa USP Cidades Globais com o trabalho "A Hinterlândia como Promotora Territorial de Áreas em Transformação Advindas do Processo de Desindustrialização". Pesquisador e Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Tatiana Tucunduva P. Corteze



Pesquisadora de Pós Doc no Programa Cidades Globais do IEA USP. Professora da UNINOVE do Mestrado Acadêmico em Cidades Inteligentes e Sustentáveis - PPGCIS. Professora da FGV LAW. Pesquisa nas áreas de Cidades Inteligentes e Sustentáveis; Planejamento Urbano e Regional; Direito Ambiental; Gestão da Sustentabilidade, Mudanças Climáticas.

Debora Sotto



Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (1998). Mestre em Direito do Estado - Direito Tributário pela PUC/SP (2005). Mestre Profissional em Direito Internacional do Meio Ambiente pela Universidade de Limoges (2011). Doutora em Direito Urbanístico pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Procuradora do Município de São Paulo (desde 2003). Pesquisadora de Pós Doc da USP, no Instituto de Estudos Avançados – Programa Cidades Globais (desde 2019).

UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

Glauca Cristina Garcia dos Santos



Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, na área de concentração em Planejamento Urbano e Regional (2019). Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016), com o trabalho final: Incubadora em Estaleiros - Reestruturação Territorial do Cais do Caju, Área Portuária do Rio de Janeiro. Pesquisadora do NAPPLAC - Núcleo de Apoio e Pesquisa: Produção e Linguagem do Ambiente Construído, FAUUSP (2019) e do grupo de pesquisa: Estratégias Projetuais em Territórios Urbanos Degradados e Portuários, FAU-Mackenzie (2014). Pesquisadora do LEC - Laboratório de Estratégias de Cidades/Rio de Janeiro (2017-2019). Pesquisadora de iniciação científica, com o tema: "Impulsos econômicos na estruturação do território urbano de Dharavi na Índia" (2015-2016).

Claudia Garcia-Lima



Arquiteta e urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Ciências da Engenharia, Universidade de Concepción, especialização em transporte urbano. Parte do corpo acadêmico do departamento de Urbanismo da Universidade de Concepción, Chile. Experiência acadêmica tanto graduação como pós-graduação, na formação de Geografia e Arquitetura, participa dos programas de Mestrado em Processos Urbanos Sustentáveis e Mestrado em Gestão e Arquitetura Resiliente, da Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Geografia da Universidade de Concepción, onde também é coordenadora do programa de especialização Desenho e Gestão de Projetos Urbanos Sustentáveis. Coordena no Chile, projeto em colaboração internacional "Cidades Emergentes" e a organização do "Encuentro Internacional Ciudad y Arquitectura al Sur del Mundo - 2021", pelo Colegio de Arquitectos Concepción.



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

Organização

IEA USP – Cidades Globais

FAU USP

Apoio

FAU MACKENZIE

UNINOVE

Universidad de Concepción / Chile

Programação do evento

Hora	Programação dia 17 de novembro de 2020
14h00 -14h30	Abertura Marcos Buckeridge (IB/IEA USP) e Arlindo Philippi Jr (IEA/FSP USP)
14h30 -17h00	Painel I - Processo de Desenvolvimento da Cidade e do Porto 1. Características das Cidades Marítimas Chilenas Voltaire Alvarado Peterson (Instituto de Geografía, UC Chile) 2. Aspectos da Zona Portuária de Valparaíso e San Antonio Alberto Texido Zlatar (FAU U-Chile) 3. Plano de Recuperação da Borda Costeira de Bío-Bío. 10 Anos Pós 27f Dr. Sergio Baeriswyl (Facultad de Arquitectura Construcción y Diseño UBB) Moderador: Marcos Buckeridge (IB – IEA/USP) Debatedores: Carlos Andrés Hernández Arriagada (FAU MACKENZIE / IEA USP) Tatiana Tucunduva P. Cortese (UNINOVE / IEA USP). Relator: Glaucia Cristina Garcia dos Santos (FAU USP)

UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

17h00 -17h30	Debate e fechamento
Hora	Programação dia 18 de novembro de 2020
14h00 -14h30	<i>Abertura</i> Marcos Buckeridge (IEA/IB USP) e Arlindo Philippi Jr (IEA/FSP USP)
14h30 -17h00	<p>Painel II - Agentes Atuantes na Estruturação Físico-Geográfico dos Territórios</p> <p>1. Planejamento Territorial Metropolitano, Desafios e Conflitos da Logística Portuária e Mobilidade Urbana Claudia Garcia-Lima (FAUG. Universidad de Concepción)</p> <p>2. Mesas de Diálogos como Modelos de Agentes Territoriais Maria Verónica Alarcón (Universidad de Concepción)</p> <p>3. Sistemas e Cargas Nacionais e Políticas Públicas A CONFIRMAR</p> <p>4. Modelos de Relações Internacionais e Corredores de Exportação Carlos Sanhueza Sanchez (Universidad de Concepción)</p> <p>Moderador: Dr. Arlindo Philip Jr.</p> <p>Debatedores: Carlos Andrés Hernández Arriagada (FAU MACKENZIE / IEA USP) Debora Sotto (IEA USP)</p> <p>Relator: Glaucia Cristina Garcia dos Santos – FAUUSP</p>
17h00 -17h30	Debate e Encerramento



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

TRANSCRIÇÃO DO EVENTO

Painel I - Processo de Desenvolvimento da Cidade e do Porto

17 de novembro de 2020 - 14 às 17:30 horas

Carlos Hernández Arriagada

Boa tarde e muito obrigado a todos que estão presentes no dia de hoje para mais este UrbanSus, no qual iremos tratar dos portos latinoamericanos, tendo como estudo de caso os portos chilenos. No dia de hoje teremos a palestra do Professor Alberto Texido da Universidad de Chile; Professor Voltaire Alvarado, da Universidad de Concepción; e o Professor Sergio Baeriswyl, que trará às 16 horas o trabalho a respeito das zonas de tsunami.

Quem fará a abertura oficial será o Professor Arlindo Philippi do IEA USP e nós teremos como debatedores a Professora Tatiana Cortese, investigadora do IEA, e temos o prazer hoje de ter o Professor Jorge Beyer do Centro de Pesquisas Marítimas da Universidade Católica Santíssima Concepción, da cidade de Concepción, Chile.

É uma satisfação receber a todos e teremos o registro do relato dos professores pela arquiteta Glaucia, da FAU USP. Tenhamos uma excelente tarde de trabalho, aproveitemos este dia ímpar, de muito proveito para nossas necessidades brasileiras. Professor Arlindo, por gentileza, a abertura é com o senhor, muito obrigado.

Arlindo Philippi Jr.

Muito boa tarde a todos. Registro a satisfação de termos o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, desenvolvendo por iniciativa dos pesquisadores do programa USP Cidades Globais do IEA USP, tratando de um tema que tem reflexos e profundas influências no desenvolvimento urbano das regiões onde os portos se instalam e se desenvolvem e, ao mesmo tempo, quando verificamos a história dos portos, a necessidade de integrá-los de forma mais efetiva a administração das cidades e ao desenvolvimento urbano e regional dessas regiões.

Nesse contexto, é relevante destacar a presença conosco nesse primeiro dia do UrbanSus que trata sobre a questão dos portos, o desenvolvimento portuário latino americano e, tratando dos portos chilenos, termos colegas de várias instituições do Chile. Então, a satisfação de ter a representação do Departamento de Geografia da Universidade Católica do Chile, da mesma forma, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Chile e da Faculdade de Arquitetura, Construção e Desenho da UBB, que naturalmente o Carlos Arriagada enquanto pesquisador responsável pela realização também desse evento, em conjunto com Tatiana Tucunduva Cortese e Debora Sotto, deverá apresentá-los nominalmente inclusive com as suas características de currículo e de suas atividades.

Portanto, o programa USP Cidades Globais, também conhecido por Centro de Síntese USP Cidades



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

Globalis, é um espaço dentro do IEA USP destinado a uma atuação multi, inter e transdisciplinar e o desenvolvimento de pesquisas avançadas sobre questões que exigem uma atenção maior, reflexões maduras e a busca de propostas e soluções para os problemas que são estudados.

O Centro de Síntese USP Cidades Globais conta hoje com 40 pesquisadores, sendo desses pesquisadores, 26 são pós-doutores e pesquisadores colaboradores e 4 professores de diferentes unidades da USP, que compõem o Grupo de Pesquisadores desse Centro de Pesquisa e de Extensão. Portanto, nesse espaço, o tema que hoje vai ser tratado está diretamente relacionado a um projeto de pesquisa que é de responsabilidade desses três pesquisadores anteriormente nominados.

Portanto, dando as boas vindas e desejando sucesso a essas atividades, eu passo a palavra ao Professor e Dr. Carlos Arriagada que deverá moderar o próximo evento e registro aqui os cumprimentos também do Professor Marcos Buckeridge, também coordenador desse Centro de Síntese conosco e que é no momento o diretor do Instituto de Biociências da USP, e que encaminha a todos vocês os cumprimentos e as boas vindas para a atividade de hoje. Obrigado por estarem todos conosco e tenhamos uma boa tarde. Dr. Carlos, por favor.

Carlos Hernández Arriagada

Muito obrigado. Então dando sequência, Professor Voltaire Alvarado, atualmente Professor na Universidad de Concepción, no Instituto de Geografia, Professor colaborador da pós-graduação e doutorado em geografia da Universidade Católica de Santiago.

Muito obrigado por nos trazer este olhar no dia de hoje que se inicia com um debate muito interessante a partir de uma produção bibliográfica na qual o senhor participou em relação, principalmente, as ocupações de borda e que dá origem ao livro *"En las costas del neoliberalismo"* junto com o Professor Rodrigo Hidalgo.

E fazemos o convite para que, por favor, possa explicar a respeito do trabalho que estão desenvolvendo quanto às questões das cidades marítimas e seus bordos costeiros. Por favor, Voltaire. Muito obrigado pela participação no dia de hoje.

Prof. Voltaire Alvarado

Muchas gracias, muchas gracias, Carlos. Voy a comenzar a presentar y atribuyo buenas tardes a todas y todos. No es mi primera vez en un aula multilingüe, cierto, de donde se hablan tres idiomas por lo menos: castellano, chileno y portugués. Carlos, y me imagino que Alberto también lo sabe, el chileno es un idioma complejo y muy rápido. Entonces voy a hablar en una versión simplificada del chileno, que es más parecida al castellano. Este trabajo que nos encargó nuestro amigo Carlos Hernández, con el cual ya hemos hecho un rato de colaboraciones, no mientras youtube sino en la academia de humanismo cristiano, nos acompañó a un terreno por San Antonio, inclusive. Y una de las particularidades es que este trabajo es volver aún a una parte de mi vida, voy a seguir hablando como si fuera una canción romántica, de algo que dejé en el pasado y que siempre me voy a buscar y que es



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

la dinámica de las ciudades marítimas chilenas.

Este trabajo está en el marco, lo podemos colocar dentro del marco, de al menos tres investigaciones que dirige el Profesor Rodrigo Hidalgo de la Universidad Católica de Chile, sobre la producción de vivienda en ciudades fluviales, marinas y las costas, trabajo en el cual yo formo parte del equipo de investigación. Y también un poco de la discusión que hemos hecho con Félix Rojo Mendoza de la Audiencia Católica de Temuco que es mi medio responsable del fondo de los gustos espaciales en la producción de espacios urbanos dentro de Chile central.

Además el año pasado nos adjudicamos junto con colegas de la Universidad Federal de ABC y de la Universidad de Sao Paulo en un proyecto de cooperación internacional que trata sobre las ciudades fluviales, tomando como puntos de estudio São Paulo y Valdivia, un trabajo que nos lleva a una discusión bibliográfica muy entretenida, muy interesante, sobre cómo las matrices productivas van aportando a esa idea de diferenciación del espacio y un poco este concepto que va envolviendo la hermenéutica.

Yo quisiera partir con una cuestión bien geográfica que es la importancia de la proyección cartográfica. Cuando somos niños, niñas en Chile tenemos la consciencia del Atlas en donde Chile se nos enseña como un país tricontinental, que tiene un pie en el Continente Antártico, que tiene un pie en el mundo oceánico, a través de la Isla de Pascua (Rapa Nui) y tiene la mayor extensión de su territorio en América del Sur, emplazada particularmente en el Pacífico. Ese mapa que estaba colgado en el fondo de las salas de la década del 80, al término de la década del 90 y que empató cuando yo terminé la educación escolar en 1999, cambia completamente su forma de proyectarse y empieza la costa chilena a mirar a la profundidad del Pacífico. Chile como muchos países, decidió utilizar la proyección cartográfica que le es más cómoda a sus propósitos.

La cartografía es un discurso y más allá de las interpretaciones más racionalistas, más críticas, más radicales sobre la formación de la cartografía, todos los estados territoriales modernos optan por proyectarse en aquella proyección en la cual se ven mejor, como si estuvieran eligiendo un vestido para la fiesta.

La Argentina utiliza "gaos kruger" dando cuenta así de su posición y proximidad y relación topológica indivisible con las Malvinas. Chile utiliza "bandrés derecha" en la cual se ve proyectado al Pacífico y curiosamente un elemento que no deja de ser interesante, le da la espalda a América del Sur. Este esquema que yo recorté de *google maps*, ustedes lo van a encontrar en cualquier Atlas firmado por el Instituto Geográfico Militar Chileno. No es una invención del momento, no tiene que ver con una decisión para esta presentación, es para dónde mira el país y el país mira hacia la profundidad del Pacífico, entiende que sus intereses están para lejos.

Sin embargo, las dinámicas de plazamiento al litoral, que es lo que vamos a revisar este día, involucran detrás de esta imagen que mira hacia la modernidad del sudeste asiático, que pareciera ser casi otra dimensión del mismo planeta; tienen tres elementos, que son lo que me interesaría en esta oportunidad compartir con ustedes, básicamente para poder abrir la discusión a temas que son mucho más interesantes, que vamos a ver a continuación, particularmente, la producción de naturaleza.

Yo vengo de la geografía donde el tema de la naturaleza, como tal, forma parte de la base de los



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

estudios en el área humana y en el área física se estudian las transformaciones de la naturaleza, pero no solamente las transformaciones telúricas, que le son propias a los sistemas naturales. Sino las transformaciones que tienen que ver con estos procesos metabólicos de diferenciación históricos, como el ser humano en el trance, en el tránsito de su existencia, a través de la técnica, opta por transformar los bordes costeros para convertirlos en otra dimensión del espacio, para convertirlo en otros usos, para establecer nuevas relaciones de valor.

En segundo término, vamos a dar algunos apuntes sobre dinámicas metropolitanas y expansiones urbanas basadas en conurbaciones funcionales. Es curioso el caso chileno respecto al desarrollo metropolitano, porque la conurbación La Coquimbo-La Serena, que debe ser la metrópolis no declarada más importante del litoral del norte, no tiene el estatus de tal, sin embargo, se comporta como un elemento metropolitano. Se comporta también como un espacio que recoge una cantidad importante del desarrollo inmobiliario, de la transformación de la naturaleza con fines turísticos. Y finalmente, el tema de la caleta de pescadores, las ciudades balnearios y los espacios litorales rurales, como una idea de cesionar quién es finalmente aquello que se habita en el borde costero chileno. Yo tengo una duda y les voy a contar un poco la historia de esas dudas y cómo van haciendo, cómo llegamos aquí. Si me pongo a hablar rápido, me avisan y bajamos la velocidad.

Esta fotografía, para abrir el tema de la producción de la naturaleza, yo la saqué el año pasado, un año y un par de semanas atrás, en la costa norte española, en la ciudad de Santander, que al otro lado del mar está el Puerto de Portsmouth, en Inglaterra. Una de las particularidades que tiene este borde costero es que ya no es un, tiene un comportamiento completamente transformado, está al servicio de otros usos, no tiene un uso que esté relacionado necesariamente con la idea productiva. Es un botadero, es un restaurante, ese que ojo al fondo del día es un café, nosotros íbamos paseando por esa orilla un día sábado de tarde.

Y finalmente, esa idea de transformación de naturaleza, de conversión de la naturaleza en otra cosa, también obliga a nosotros a pensar cuál es el valor de la naturaleza. El valor no tiene que ver únicamente con la renta o con la posibilidad de extraer diferencial de ganancia en el futuro, el valor tiene que ver con la forma en la cual nosotros estamos entendiendo los significados, las posibilidades de representación que estos espacios tienen para nosotros. Significados porque esto es un discurso, cierto, es la posibilidad de transformar la tecnología conversando con un estilo arquitectónico de lo cual yo tengo idea, yo no soy arquitecto, pero sin duda habla de una cuestión metabólica que es superior con un fin superior.

No es la playa del disfrute, no hay inversa mar, no hay arena, cierto, no hay batonado costero, como habitualmente logramos a partir de otra zafra el chileno, por el contrario, lo que observamos es lo que se podría denominar y lo que se plantea como una fractura metabólica. Aquí se rompió la cadena evolutiva de la naturaleza y se convirtió en otra cosa. Hubo una diferenciación que nos genera una nueva dimensión del espacio costero. Por lo tanto, esto no ocurrió ayer, es el resultado de unas formas de apropiación que son históricas, que fueron dedonando sobrante un tiempo largo.

El metabolismo de los bordes costeros, el metabolismo que produce diferenciación histórica, no es un protagonismo que acontezca de manera inmediata, es un metabolismo que, a través de él, se expresan distintos momentos de la técnica, por una parte y también distintos momentos de una cultura



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

determinada.

Los bordes costeros chilenos, como decía Alberto Naciones, están completamente intervenidos, se han rellenado, se le ganó tierra, se le ganó espacio en mano, pero también están intervenidos por los usos y por aquellos que representan. En este sentido, la producción de la naturaleza, el concepto que habitualmente aparece y nunca es definido, nosotros la podemos entender como un resultado material de los procesos de las transacciones, cierto, de los conflictos iguales y la ruptura simplemente entre lo telúrico, aquello que le es inherente a la tierra, al sistema natural y a lo social.

Esta transacción genera algo nuevo y ese algo nuevo es un producto, cierto. Como diría el geógrafo francés Licer le Cruz, la naturaleza, la primera naturaleza, es una naturaleza que no ha sido tocada, no tiene modificación. La segunda ya se transformó, ya fue atravesada por la técnica, ya se volvió consciente a través de otros y la tercera, la inventamos, la creamos donde no puede ser posible, como por ejemplo, las Lagunas de Cristal.

Entonces, en esta naturaleza, nosotros observamos dos cosas que son claves. La primera, artefactos espaciales que la vienen a poblar, cierto, los sistemas de objetos, que planteó en algún momento Milton Santos, que están poblados de emoción, que están poblados de significado, a través de las representaciones de valor que las personas les emplegan. Quizá por eso, ese borde costero Santander podría tener un valor diferencial y lo natural también como el resultado de la acción social y lo social como un producto de la naturaleza. Diría Bill Smith, geógrafo escocés lamentablemente fallecido hace un par de años, y es interesante esta propuesta porque nosotros tenemos ejemplos claros de eso.

Este vuelo que pagó a Axel Wosdorff, geógrafo austríaco, perdón, alemán, que lo pagó en 2014 a propósito de una investigación que hizo con Rodrigo para fotografiar el borde costero delante de Concón y observar esta invasión a las dunas colgadas de conforme, dunas que claramente es lo que queda de ellas bastante poco, que muestra evidentemente la atención entre en la producción, la normativa, de un área protegida, flexible, un área protegida que ha sido sometida a una serie de elementos de que a uno se podría plantearse, por ejemplo, estos elementos de tensión que están basados en la no definición de sus bordes.

Esta idea de el borde, el traslace entre el área protegida y la zona urbana, que ha trabajado por ejemplo Moreira, Salazar y otros a propósito de la campana y los desarrollos inmobiliarios que están próximo ahí, en la comuna de Quillota, pero por sobre todo también la forma adaptativa de la población, que aquí en esta captura de google, sobre la parte alta de Valparaíso, a la cual nos vamos a insertar en unos minutos más, nos muestra también que esa posibilidad adaptativa a veces no tiene que ver con la renta, tiene que ver con la sobrevivencia, tiene que ver con la única posibilidad de ocupación que a veces una familia tiene respecto a un espacio, para no ser despojada de su naturaleza, propietaria de su naturaleza identitaria, hacia otras comunas, como fuera en el pasado particularmente en la década del 80 y los planes que estaban vinculados con la radicación de la irradiación del campamento del centro de Santiago.

Entonces nosotros definimos a propósito "En las costas del neoliberalismo" en 2016, por la ora larga, yo llegué al final, llegué en diciembre de 2015, octubre de 2015, nos pusimos a trabajar en los textos y al más o menos en marzo teníamos listo un trabajo largo, un libro grandote, un libro muy interesante, a nosotros nos dejó mucha experiencia "En las costas del neoliberalismo". Nos permitió observar que el



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

fenómeno litoral en Chile tiene trayectorias que son diferenciadas, que no todas las costas son iguales y que el neoliberalismo por mucho que trate de colocarse en el cajón de la homogeneidad es un productor de heterogeneidades, porque produce valores diferenciados.

Cuando busca plusvalor trata de urbanizar de manera diferenciada. Cuando construye los nichos de renta, que son estos espacios los donde se propone establecer una especie de polea de torno que produce y reproduce capital - compraventa, alquiler, entre otros - genera oportunidades de producción de naturaleza distinta simplemente a edificar ciudades sobre el plano. Y lo último es que interviene profundamente a la idea del paisaje, la condición de sitio, entendiendo la condición de sitio como el encuentro contencioso, inarmónico, con el mismo tiempo inevitable entre lo humano y lo natural, en un tiempo y unidades para ser determinadas.

Esas dinámicas nos permiten entender que el extractivismo inmobiliario, por ejemplo, como categoría, nosotros la planteamos a propósito de esta investigación, como si fuera un símil del extractivismo minero o de otras dimensiones del extractivismo, nosotros buscamos esa idea porque los inmobiliarios extraen cosas inmateriales y materiales, extraen valor de experiencia, extraen amenidad, al mismo tiempo que extraen renta, se convierten en capital futuro, se transforman en bonos de bolsa que finalmente nunca sabemos dónde están.

Pero a rigor, lo que interesa en este caso de estas ciudades del borde costero chileno, como por ejemplo esta foto que podría ser tomada en cualquier parte, nos muestra que la evolución residencial de estos bordes costeros está, yo no les voy a decir dónde está, pero ustedes lo van a saber de manera inmediata, la evolución del borde costero sigue un patrón de ocupación que yo lo podría ver esta fotografía en cualquier parte, lo podría ver en Santiago, lo podría ver en Concepción, lo podría detectar ese tipo de edificios, ese tipo de emplazamiento. Se queda en el norte por el piso, por el tiempo de la composición del suelo, por la escasa vegetación, se lo puedo advertir por variables que son externas, esta foto también podría ser en cualquier parte en Chile por esa dica.

Arica, que es la ciudad que fue en cierta manera dejada atrás del plan de desarrollo urbano que se puede observar por ejemplo en Iquique, por ejemplo en Antofagasta, que usted marca, lo hemos estudiado quizás con cierta profundidad y que es la decisión estratégica de la dictadura militar de declarar Arica como una ciudad sacrificable para conservar y levantar la importancia de Iquique. Iquique se desarrolla, el Miami Chileno dice el Alcalde Sodía, colocan los cocodrilos, armas, ocho kilómetros de borde costero caminable, bicicletiable, rescitable, etcétera y Arica queda como el espacio de triple frontera, un espacio confuso, riquísimo cierto, pero renunciaba a su desarrollo durante 20 años, dónde se observan estas dinámicas. No quiero decir que esto no lo podemos encontrar en otro lado, pero esto es resultado de algo, o sea, el borde costero no es solamente la posibilidad de la medida, también tiene que ver con la solución habitacional, con transformar estos espacios degradados en otras posibilidades y vamos a ir a eso en unos minutos más.

Lo mismo ocurre en Viña del Mar, hay un artículo publicado, hace poco tiempo, de Carlos Valdebenito y otros en la Revista Sociología de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul dónde podemos encontrar el fondo de esta investigación que tiene que ver con la presencia de campamentos y asentamientos informales en la comuna de Viña del Mar. Viña del Mar es conocida por ser la ciudad jardín, su lema de ciudad, pero también por un segundo elemento. Viña del Mar tiene una política de



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

larga trayectoria de conservación de deporte costero, la salinidad de las marejadas que terminan liquidando la disposición ornamental de las flores y los pastos del borde costero, evidente respuesta al otro día cuando las marejadas terminan, como si no hubieran recursos para otra cosa.

Sin embargo, a las espaldas de ese borde costero riquísimo, se establecieron durante mucho tiempo dinámicas de posicionamiento, campamento, tomas de terreno, delimitación de calles, distribución de familias, entre otras, que son por día de los mismos comités de vivienda que están detrás de la búsqueda de una solución habitacional final. Y también, por otro lado, porque la habitación de las quebradas en el Gran Valparaíso, particularmente en estas dos comunas, en Concón del año 90 en adelante, la comuna que está más al norte, los subsidios habitacionales entraron bastante poco. Pero en Viña del Mar y Valparaíso hay una lógica muy interesante, que el campamento, la toma de terreno, es la que abre la puerta a la solución habitacional, al impacto de los subsidios y de seguro, políticas importantes como el decreto 49, 1, 116 y el 19 que están vinculados a subsidio habitacional en la actualidad con mayor fuerza en el escenario chileno terminan por ingresar con mucha pretensión en estos espacios que ya los vamos a escribir.

La particularidad de estos campamentos en Viña del Mar es que pareciera ser y eso es lo que relatan Valdebenito Carlos, Luís Álvarez, Carlos Vergara y Rodrigo Hidalgo en este artículo que les comento, es que el municipio pareciera estar siempre interesado en la idea de posibilitar la toma para luego normalizar.

Entonces es un modelo muy curioso que vale la pena revisar metas públicas. Esto lo que nosotros observamos particularmente en estos territorios, acá, Reñaca Alto, detrás de uno de los barrios de mayor valor de rentabilidad en el país, como la localidad Reñaca dentro de la municipalidad de Viña del Mar, tenemos esta producción de desarrollos inmobiliarios, que están en la parte alta de Reñaca y que están emplazados de frente y de espaldas a plantaciones de eucalipto, cierto que forman parte un poco de la industria de silvicultura de la zona y también al frente de sitios eriazos que están completamente degradados y abandonados, llenos de basura, con Carlos los vimos, son los mismos que están en altura del Cementerio en San Antonio en el litoral central.

Entonces al mismo tiempo esa dinámica se va a repetir. Tenemos a rodellillo Valparaíso, una fotografía de colocación de mi tesis doctoral en 2019, una panorámica dónde mostramos un rodellillo que estuvo bajo la amenaza y finalmente la concreción de escenarios de incendio urbano durante tres años de manera consecutiva y hace poco una última. Todas estas viviendas alguna vez fueron consumidas por el fuego y luego se volvieron a construir. Curiosamente la tendencia no ha variado, porque altos del puerto la comuna de Valparaíso se edifica un par de metros más allá de este lugar y altos del puerto se edifica en función del subsidio de integración social y territorial en medio de las plantaciones de eucalipto, sin considerar ese peligro que se hace arriba del puerto costero, metabolizando la naturaleza que ya está transformada. El eucalipto no es nativo de los ecosistemas chilenos y tiene un comportamiento bastante curioso respecto al consumo de agua y la población de malezas que lo acompañan. Por lo tanto, hay una propensión importante a la producción de incendios más aún en los circuitos forestales que son inmediatos a las grandes operaciones urbanas. En Concepción ocurre algo similar.

Entonces este tipo de proceso nosotros también lo podemos ver a lo largo de la gran bahía de



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

Valparaíso. Vamos a comentar algún elemento posterior de eso, pero es importante entender que en esta lógica producción de la naturaleza y metabolismo necesitan una división. En el borde costero las cosas se confunden, tienden a poblar la misma idea y aquí coloco un ejemplo metropolitano, pero si nosotros fuéramos una vez a Puerto Viejo, un antiguo sector portuario de la región de Atacama.

En Puerto Viejo lo que podríamos observar es el puerto original de los pescadores que son 150 casas y al lado de ese pueblo original de los pescadores, 400 casas que son toma de terreno, no regularizada, que forman parte de los veraneantes que vinieron de ciudades como Copiapó y que en algún momento fueron, colocaron los palos, armaron la casa y después no hubo cómo sacarles.

Ese proceso de litoral indefinido que no es ni urbano, ni metropolitano, ni rural, ni caleta y no sé qué cosas, es una tarea importante que hoy día [...] estas dinámicas metropolitanas de expansión urbana basadas en conurbaciones funcionales. Toma como ejemplo un caso, es bien interesante, que yo lo he visto muy bien desarrollar el trabajo de Alejandro Orellana McBride y el Profesor Alberto de Espeche sobre cómo se está desarrollando esta conurbación metropolitana que se expande en distintos frentes en la ciudad de Coquimbo La Serena, esto es lo que está disponible entre 2018 y 2020 dentro de la oferta de los subsidios de desarrollo, los subsidios del libro 49 del 19 y otros que están aquí presentes.

Una de las cosas que a nosotros llama profundamente la atención en esta ciudad, es que La Serena es una ciudad que es parecida a Viña del Mar. Y en las ciudades parecidas a Viña del Mar, en Chile, siempre viene alguien a cual le ceden o le transfieren los usos que no quieren tener por emporte. Iquique tiene a Alto Hospicio, La Serena tiene a Coquimbo y Viña del Mar tiene a Valparaíso. Creo que es un elemento interesante a considerar, porque las dinámicas metropolitanas también tienen que ver con la distribución de los bienes y los males de las ciudades del borde costero.

No quiero hablar de externalidades porque siempre recuerdo la trampa que les citen las externalidades negativas, las externalidades son enfermedades, uno no participa su concreción y se beneficia, cierto, o se produce un daño a partir de ahí pero lo que hacen es distribuirse de manera muy descompensada los usos, las posibilidades de desarrollo, las orientaciones de producción de espacio público por ejemplo, los destinos turísticos, el amarre de los cruceros (que antes de la pandemia irían formar parte un poco de la dinámica funcional de cómo estaban funcionando estos puertos) y estas ciudades costeras a nivel nacional.

Valparaíso tiene algún elemento importante de eso, tiene zonas patrimoniales declaradas por Unesco, pero eso no es una regla, ni todas las ciudades chilenas tienen una declaratoria de Unesco y hay que decirlo, Valparaíso no es completamente la ciudad que forma patrimonio de la humanidad, es una parte de la ciudad, no es completa la ciudad.

Hay una cosa súper importante con la habitación y la población de ser de quebradas, en el caso Valparaíso. Hay un excelente trabajo de Imdirli y Apablaza de una Revista de Ingeniería sobre los procesos de incendios de plantaciones y la remoción de ladera por estrés hídrico, falta de agua particularmente en esta sequía, unos dicen desde 2004 y otros dicen que de finales del 99, que el año 99 en Chile hubo racionamiento eléctrico, no olvidemos eso, si cortaba la luz tres horas del día.

Una de las pocas iniciativas que existieron en Valparaíso para poder controlar precisamente esta población de quebrada, existió en la época del Consejo de Perdón de la Corporación de Mejoramiento



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

Urbano, la COLMO, que financió la limpia como se va denominada en el norte, la limpia de canales, la limpia de quebrada al retiro a su gran extensión de los pulsos de agua para evitar que las épocas de invierno se produjeron revoluciones de ladera y si llevaran estas viviendas que están enganchadas en el cerro, palafitas que están enganchadas en la ladera del cerro y que son enormemente frágiles y que forman parte del ambiente de la estrategia de habitación que proviene de los mismos habitantes. La toma de terreno es una forma estratégica de formar parte de un territorio, ensamblarse.

Finalmente, el último punto que vale la pena observar es que hay una población importante de bajo desarrollo socioeconómico que habita las quebradas. En Valparaíso no todo el puerto está pavimentado, no todo el puerto cuenta con alumbrado domiciliario, no todo el puerto cuenta con el acantillado y está volviendo a la comunidad.

Entonces, para organizar un poco la idea y la participación acerca de Valparaíso en el contexto nacional, hay que entender que si, hay una parte importante de la población, una parte importante de las viviendas a nivel regional, de estas 774.782 viviendas, dos tercios y un poco más están en el borde costero. La descompensación de la quinta interior con la quinta costa es gigantesca. Quinta interior es, como si llama, la división parlamentaria que tiene en este caso las dos y ciertamente esto ha incidido también en la distribución de los subsidios habitacionales del año 90 hasta al 2013, pero la tendencia si mantiene.

Probablemente en Villa Alemana, subió un poco más particularmente en el sector Peña Blanca, pero la importancia de los aportes fiscales en esta contribución a la metropolización de Gran Valparaíso es tremendamente relevante para comprender que estas son las comunas que de ciertas maneras forman parte de la metrópolis y sus satélites, sus satélites funcionales, que vendrían a ser comunas como La Calera, Casablanca, La Cruz, La Ligua, Limache, Nogales, Quillota, Quintero y que van a que por lo menos, entre Villa Alemana, Quilpué, Viña del Mar, Concón y Valparaíso forman parte de este circuito, de este cañón, de este corredor subsidiario que va alimentándose desde el interior hacia el borde costero. Hacia el final les voy a mostrar una locura que se me ocurrió.

Particularmente el tema de las quebradas y esta expansión que nosotros veíamos en cima del esquema, se los encuentra en Valparaíso. Las quebradas han sido permanente como punto de vivienda subsidiada, esto es tomar las viviendas subsidiadas desde el año 90 en adelante, perdón, del año 80 en adelante. Una de las particularidades que nos muestra el Consenso 2002, bueno, es que hay una habitación muy fuerte, muy profunda de estas quebradas, la hechoducción es alta en la quebrada, salta más el interior alto, cierto que las quebradas como tal. Tanto lo que nos viene a dar un poco luces de lo que comentábamos en Viña del Mar, sobre los campamentos que abren la posibilidad a generar instancias de adquisición de subsidio y, por lo tanto, acceder a soluciones habitacionales está presente en esta lógica. Vamos avanzando para terminar y cumplir la promesa.

Finalmente la caleta de pescadores, ciudades balnearios y espacios costeros rurales. Les traigo un ejemplo, el ejemplo de Los Molles en la comuna de La Ligua. Esta tabla viene a uno de los artículos que está presente en "En las costas del neoliberalismo", que escribimos junto con Rodrigo Hidalgo y Adrián Fernandez sobre los espacios ex-urbanos que están, no son ni periurbanos ni suburbanos, disfuncionales, porque en La Ligua, Los Molles están a 200 kilómetros de Santiago, 180 tienen una gracia, tienen una particularidad. El desarrollo de la infraestructura vial permite que con las actuales



UrbanSus - Sustentabilidade Urbana

carreteras la distancia de tiempo no sea tan larga de Santiago y por lo tanto, se entiende con una posibilidad de inversión importante para ir a capturar esos paisajes de avenida. Entonces, la evolución de las viviendas entre un momento en 2002 y 2011 fuera gigantesca... si siguen ustedes que, salvo a Zallar y Puchuncaví, ninguna otra de la quinta norte crece con esa velocidad. El crecimiento es tremendamente importante.

El borde de la comuna de La Ligua tiene una evolución de corto alcance, de cortísimo alcance, que ocupa una caleta de pescadores como eran Los Molles en 1982, habitada por 1012 personas, a registrar casi 20.000 viviendas a 2019 y lo que nosotros observamos en estos tres puntos importantes fueron Los Molles, los Quinquelles y Pichicuy, observamos tres zonas que han tenido una importante transformación como ustedes pueden observar en 2005 y 2014, las dinámicas.

Estas son capturas de Google Maps con mejoras para el capítulo del libro y lo que nos muestran es primero toda la acción de loteo y de formación. Yo siempre digo esta cosa, cuando en Chile se quiere buscar un desarrollo inmobiliario de valor más o menos medio alto, siempre hay que buscar las formas circulares en la fotografía o la imagen satelital. Esas formas circulares van dando un poco la atención que si trata de un loteo de alto valor porque la forma circular curiosamente con esta proyección ovalada del barrio, lo que trata es provocar una identidad de cara a cara, tiene un efecto sociológico muy interesante. Ahí podríamos ver un poco lo que plantea el sociólogo argentino Ariel Grabano sobre la formación del barrio y esta identidad cara a cara que el mercado inmobiliario persigue permanentemente y que en vez de venderle una casa, le vendo la experiencia, que no está comprando una casa, está comprando una forma de vida, una experiencia, entre otras cosas.

Finalmente, esta macrozona urbana central, también denominada en algún momento, tiene varios nombres, la zona central de Chile en este caso y entre más medios controversiales, entorno de Tunquén, Isla Negra, Ritoque, la comuna de Quintero, Tunquén en la comuna de Casablanca, Isla Negra en la comuna de Quisco, seguro vamos a hablar en algún momento de algunos de estos espacios y una de las cosas interesantes que tienen los tres en que están las partes que ocupan los hornos dos espacios principales, la conurbación centro, la conurbación sur y la conurbación norte de la región de Valparaíso, una de las cosas aquí está La Ligua, con las playas de la que estábamos hablando, están justamente en este sector.

Una de las cosas interesantes de estos, son los ejercicios que están ahí o se produjeron en algún momento de conflicto. Estas ciudades balneario tienen una particularidad. Isla Negra no es una comuna, es una zona de la comuna del Quisco, muy famosa porque ahí tenían una de las casas del poeta Pablo Neruda. Una casa bien controversial, yo hizo un trabajo de campo en la zona y una de las cosas que quedan es la parte que encontré más gente que hablaba mal de Neruda, que la que hablaba bien, joven y muy vieja, se plantea obviamente que todo gira en torno a la topología patrimonial de vivir cerca a la casa del poeta, como si nos fuera a pegar el ángel y salir escribiendo.

Entonces aparece una fuerte propensión a generar desarrollo inmobiliario sin servicios adecuados, el alcantarillado comenzó su construcción desde punta de Tralca aquí en el balneario que está al lado, hasta llegar al centro urbano en Quisco. Comenzó su construcción hace no más de diez años. Cuando se loteó y se pensó generar un desarrollo inmobiliario al lado de la casa de Neruda a 150 metros, impulsado por la inmobiliaria Santa Beatriz, que finalmente no se ejecutó. A propósito de la reacción

UrbanSus - Sustentabilidad Urbana

de la comunidad de propietarios local, pero también con la oposición a esta reacción de los propietarios locales de las personas que formaban parte de comités de vivienda, que estaban habitando los sectores de las quebradas interiores de esta zona. Que les sea claro a ustedes de ojo en el paisaje, pero nosotros íbamos a la vivienda y eso yo lo supe después de haberla investigado, me sentí culpable porque al final me quedé solamente con los propietarios que se habían alzado contra el desarrollo inmobiliario, pero también tiene que ver con las formas de retención del valor y tampoco era tan curioso.

Lo interesante es cómo levantan una defensa que ya no tiene que ver con el encadenamiento humano al edificio público para expresar la resistencia a las transformaciones. Sino con una defensa metodológica, de una metodología jurídica importantísima que va a ir a romper un poco esta dinámica permanente, que en este tipo de procesos generalmente se rompían a través de la contestación, la resistencia en insurgencia territorial. Lo cierto es que además de protestas, escritos, representaciones en la prensa, entre otros, es generar un mecanismo de defensa que va de la mano con los r